

O (DES) PRENDIMENTO DA SACRALIZAÇÃO DOS ANIMAIS NÃO HUMANOS E A LITERATURA CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE A PARTIR DE PETER SINGER

THE (DIS)PRINTING OF THE SACRALIZATION OF NON-HUMAN ANIMALS AND CONTEMPORARY LITERATURE: AN ANALYSIS FROM PETER SINGER

Bruno Araujo Alencar¹
Pedro Lucas Vilanova de Assis Silva²

Resumo:

O objetivo do artigo versa sobre a compreensão do (des) prendimento da ótica da sacralização dos animais não humanos a partir da análise de Peter Singer (1946). Procuraremos traçar, paulatinamente, uma linha do tempo acerca dos problemas que incorrem o usufruto do animal não humano ao bel-prazer do homem, por meio da sacralização, propondo ao mesmo tempo reverberações que incidam no bem-estar animal. No primeiro momento, abordaremos como a religião cristã introduziu na sociedade a ideia de superioridade da espécie humana. Depois, mostraremos como a modernidade/contemporaneidade encara a questão animal, observando se adota a manutenção das mesmas predileções sacras ou se já assevera incursões empáticas para com as demais espécies animais. Concluímos, a partir de um olhar sobre o holocausto histórico e sacrificial, que os desdobramentos acerca da utilização dos animais não humanos foram alvo da facticidade histórica, que os estabeleciam como meros instrumentos ritualísticos, mas que a literatura já assevera incursões para adotarmos uma postura solidária para com as variadas espécies animais.

Palavras-chave: Animais Não Humanos; Sacralização; Singer; Literatura.

Abstract:

The objective of the article is to understand the (dis)attachment from the perspective of the sacralization of non-human animals based on the analysis of Peter Singer (1946). We will seek to gradually trace a timeline of the problems that the use of non-human animals at the pleasure of man incurs, through sacralization, proposing at the same time reverberations that affect animal well-being. Firstly, we will address how the Christian religion introduced the idea of superiority of the human species into society. Afterwards, we will show how modernity/contemporaneity views the animal issue, observing whether it adopts the maintenance of the same sacred predilections or whether it already asserts empathetic incursions towards other animal species. We conclude, from a look at the historical and sacrificial holocaust, that the developments regarding the use of non-human animals were the target of historical facticity, which established them as mere ritualistic instruments, but that literature already asserts inroads towards adopting a supportive stance towards different animal species.

Keywords: Non-Human Animals; Sacralization; Singer; Literature.

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí e Professor Substituto do Departamento de Filosofia (UFPI). E-mail: brunoalencar@ufpi.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3997797041356804>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1826-0826>

² Graduando em Medicina Veterinária pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: pedro.assis@ufpi.edu.br. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5733234125140082>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-7122-8367>

Introdução

A relação entre animais humanos e não humanos está atenuada por uma historiografia ética, que incorre em muitas reverberações, como desrespeito interespecies, mais especificamente, dos animais humanos para com os animais não humanos, por exemplo. Para melhor entender como será desencadeado esse constructo, o presente trabalho faz um resgate histórico por um dos itinerários mais importantes momentos da humanidade, o medieval, para descrever como as alegorias intercambiam para a sacralização da vida. Explorando narrativas bíblicas e textos filosóficos, nossa investigação busca analisar quais acontecimentos foram decisivos para separar/estreitar a relação entre animais e humanos e quais foram os impactos desses acontecimentos. A sociedade atual, mais comprometida com as questões ambientais e com a dignidade de todos os seres vivos, necessita de reflexões mais aprofundadas acerca da questão do bem-estar animal.

Percebe-se que o levantamento de questões históricas ou urgentes realizadas por grandes intelectuais é o espelho do comportamento social, por esse motivo, alguns filósofos, como Peter Singer (2010), além de teóricos ou literatos de outras áreas, como Graciliano Ramos (2013), considerado um dos mais proeminentes ficcionistas modernistas, foram explorados para melhor compreender o imaginário popular em relação aos animais não humanos, respeitando uma linha cronológica adotada na metodologia deste trabalho.

No primeiro momento, faremos uma análise do cristianismo e de seu desencadeamento para o pensamento *especista*³, a partir de trechos bíblicos, mostrando que há uma contradição de interpretações entre os teóricos aqui estudados e os apontamentos cristãos. Após isso, perquiriremos o posicionamento de alguns filósofos, dentre eles, Descartes, para compreender como a sociedade científica da antiguidade (e, posteriormente, da modernidade) posicionavam-se diante dessa questão, reconhecendo, mais uma vez, que existem inconsistências linguísticas que tentam em justificar o cometimento de algumas crueldades contra os animais não humanos.

Objetaremos também, como os interesses dos animais não humanos são muitas vezes deturpados, por um contexto de justificação que assevera, por exemplo, que não são detentores de alma, por isso, passariam a ser considerados seres autômatos e possuidores de corpos mecanizados, preceitos morais estes que proporcionaram a exploração de seus corpos para cunho científico ou sacrificial, ensejando uma forma de luta que mascara a verdadeira busca pelo bem-estar animal, como apontaremos dentro do escopo das seções. Além disso, em alguns casos, podemos observar uma interpretação que busca fundamentar a realização de atos exploratórios que, de fato, resultam em decisões que sacrificam animais não humanos que poderiam ser poupados de situações que atentam contra sua dignidade, considerando que eles são seres suscetíveis à dor e ao sofrimento. E ainda, em contramão aos apontamentos anteriores, traremos um contexto literário que permitirá a criação de ações práticas solidárias, através da personagem *Baleia*, uma cadela alegre, feliz e que está à beira da morte, de Graciliano Ramos, no livro *Vidas Secas* (2013), para mostrar como podemos criar um ambiente cultural que intente em desenvolver sensibilidades contra a crueldade cometida contra animais

³ Entendemos por *especismo* a sobreposição de espécies. A exemplo, o *especismo* pode ser concebido como um preconceito, tal como o racismo ou sexismo, somente por alguns posicionamentos entenderem que a espécie humana é superior às demais espécies animais, simplesmente por deter de certas qualidades, que outras espécies animais não detêm, tal como a racionalidade e a linguagem.

não humanos, a partir de um contexto filosófico-literário e que incida numa reflexão por meio do sofrimento animal.

Por fim, foi possível chegar ao ponto fulcral de que essa discussão ainda incidirá em vários debates sobre o bem-estar animal, e ao que tudo indica, necessita ser proficuamente colocada em contextos dialógicos, em âmbitos éticos e morais, visto que o convívio entre animais humanos e não humanos sempre colocará a questão do sofrimento e desrespeito em pauta.

Um resgate histórico a partir das narrativas do sagrado: a inferioridade do animal não humano

A historiografia cristã, no que tange principalmente à criação do seu cosmos, constrói, ainda que implicitamente, a ideia de que os animais estão ligados ao profano, ao perverso e à servidão ao homem (Singer, 2010). Observa-se isso em várias passagens bíblicas. Cabe ressaltar ainda, como exemplo, que a cobra que leva Eva ao pecado, o holocausto que Noé oferece à Javé e a permissão que Deus dá para Noé se alimentar de tudo que vive e se move, configura uma pormenorização de algumas outras vidas, que não humanas (Gênesis 3, 1-6; 8, 20; 9, 3). Contudo, a própria narrativa bíblica diverge desse ideal em alguns pontos, ao passo que sugere que o homem seria vegetariano no seu estado de pureza enquanto ainda vivia no Jardim do Éden e que sonha com uma sociedade em que animais humanos e não humanos viveriam em plena comunhão (Isaías 11, 6).

No Novo Testamento também é possível perceber uma contradição de narrativas em relação ao zelo da vida dos animais não humanos, visto que Jesus ora transfere aos porcos demônios que antes possuíam humanos (Marcos 5, 13) e ora enfrenta a teologia do débito-pureza, que “[...] impunha que a maioria das culpas fosse expiada com o sacrifício de animais” (Palhano; Sanches, 2012, p. 171).

Ao analisarmos o cristianismo enquanto “sistema religioso, teológico e cultural” (Palhano; Sanches, 2012), podemos encontrar duas interpretações distintas sobre como o cristianismo criou o imaginário popular acerca dos animais não humanos. Nesse viés, Peter Singer afirma:

Decididamente, o cristianismo deixou os não humanos fora dos limites da compaixão, tal como sempre estiveram nos tempos romanos. Assim, enquanto as atitudes para com os humanos foram abrandadas e mais do que melhoradas, as atitudes para com os outros animais permaneceram tão insensíveis e brutais como nos antigos tempos romanos. Na verdade, o cristianismo não apenas falhou em amenizar as piores atitudes em relação aos animais como também, infelizmente, conseguiu extinguir durante um longo tempo a chama de uma compaixão mais abrangente, mantida acesa por um pequeno grupo de pessoas mais sensíveis (Singer, 2010, p. 280).

Singer nos alerta que o cristianismo atribuiu sacralidade apenas à vida humana, excluiu a dignidade dos não humanos e manteve o *status* de inferioridade dos animais não humanos durante muito tempo. Contudo, Palhano e Sanches (2012, p. 169) alegam que: “[...] é possível resistir a qualquer afirmação que a tradição cristã, em sua totalidade, impôs a si como uma tradição de violência e descaso em relação aos animais não humanos”.

Vale à pena mencionar que, tal contradição entre os pensadores se deve às diferentes metodologias que cada um usou para o desenvolvimento das pesquisas, visto que enquanto o objeto de estudo de Singer, dentro desse escopo de investigação é a história e a ética, o objeto dos teólogos Palhano e Sanches é a

própria teologia e as Escrituras Sagradas, deixando de analisar a realidade social do cristianismo primitivo. Adiante, faremos uma análise sobre o impacto da ruptura do medievo com a ascensão da modernidade, dentro do escopo da vida.

Animais não humanos e filosofia: Descartes e a alma mecanicizada

Além da religiosidade, outro fator determinante para a construção do imaginário popular em relação aos animais não humanos é a filosofia greco-romana, sobretudo a partir dos filósofos Aristóteles e Pitágoras, que, assim como os filósofos e teóricos mencionados na seção anterior, possuem concepções antagônicas. Conforme nos explica Felipe (2009), para Aristóteles, a falta de racionalidade matemática coloca os animais não humanos em um patamar abaixo dos animais humanos e os dá a característica de meros servos, e por isso não podem ser maltratados, já que estão sob posse de um homem livre e maltratá-lo seria danificar o patrimônio desse homem (a mesma lógica é aplicada às mulheres, aos escravos e às crianças). A política de Aristóteles obedece a uma lógica antropocêntrica-hierárquica.

Há também, por obra da natureza e para a conservação das espécies, um ser que ordena e o outro que obedece. Porque aquele que possui inteligência capaz de previsão tem naturalmente autoridade e poder de chefe; o que nada mais possui além da força física para executar, deve, forçosamente, obedecer e servir [...] (Aristóteles, 2017, p. 12).

Em analogia ao que foi mencionado anteriormente, sobre a pressuposição aristotélica antropocêntrica, mais especificamente no que diz respeito aos maus tratos que animais não humanos são infligidos, Pitágoras trilha outro caminho, ao confrontar que maltratar um animal não humano é o mesmo que maltratar um humano, pois após a morte do corpo biológico, toda matéria migraria para outra forma de expressão de ser vivente.

Nossa formação moral é signatária da concepção aristotélica, antropocêntrica e hierárquica, típica da racionalidade escravocrata. A concepção ética de Pitágoras nos teria levado ao domínio não-tirânico sobre outras espécies vivas, mas ela continua a ser ocultada nos ensinamentos acadêmicos (Felipe, 2009, p. 5).

Felizmente, o homem é capaz de reconhecer atitudes moralmente inadequadas⁴ em relação à vida dos animais não humanos. Contudo, vivemos num tempo em que a vida de todos as espécies animais só é valiosa se possuir valor comercial⁵, devido à necessidade que a vida humana tem de explorar a vida não humana para manter-se alinhado a um determinado *status quo*, uma vez que é necessária a privação do bem-estar dos animais para que estes nos sirvam de alimento, de cobaia para remédios e cosméticos e de vestuário. “Consumir a vida alheia tornou-se a forma de vida de todos os humanos [...]” (Felipe, 2009, p. 4).

⁴ Não é nosso objetivo discutir sobre os mais variados tópicos da Ética Normativa, mas avaliar do ponto de vista da cultura Ocidental, como o homem pode se tornar um ser moralmente solidário, a partir do crivo analítico observacional acerca do acometimento de dor/crueldade contra as mais variadas espécies animais.

⁵ Consideramos a ascensão da sociedade capitalista enquanto agência de fomento consumista, que ensaja apenas valor de mercado para criar algumas raças de animais e não outras, para não fugir, via de regra, do que Adorno chama de Indústria Cultural.

Além das filosofias aristotélica e pitagórica, a filosofia cartesiana também é de fundamental importância para a compreensão do assunto aqui discutido. Uma vez que:

Descartes é uma figura recorrente na discussão acerca da consciência extra-humana, pois foi precisamente a polêmica separação entre espírito e matéria, o elemento catalizador responsável por fundar o debate secular da existência ou ausência de uma alma animal (Sganzerla; Xavier, 2023, p. 189).

Singer (2010) enuncia que Descartes foi influenciado por uma nova e excitante ciência da mecânica, construindo a ideia de que os princípios que regiam o funcionamento de tudo que era composto por matéria eram mecanicistas, e para evitar uma interpretação que nos levaria a acreditar que humanos também são apenas máquinas o filósofo erigiu o conceito de alma⁶, e como animais não humanos não a possuem, eles são:

[...] meras máquinas, autômatos. Não experimentam prazer nem dor, nem nada. Embora possam guinchar quando são cortados por uma faca ou contorcer-se na tentativa de escapar ao contato com um ferro quente, isto não significa que eles sintam dor nestas situações, afirmou Descartes. São regidos pelos mesmos princípios que regem o funcionamento de um relógio e, se as suas ações são mais complexas do que as de um relógio, é porque o relógio é uma máquina feita pelos humanos, ao passo que os animais são máquinas infinitamente mais complexas, tendo sido criadas por Deus (Singer, 2010, p. 291).

No entanto, também existem contradições na literatura acerca da interpretação das obras do filósofo. Ao passo que Singer condena a atuação de Descartes e o coloca como um grande responsável pela falta de empatia para com os animais não humanos na modernidade, Sganzerla e Xavier (2023) afirmam que a interpretação que nos levam a crer que o filósofo tratava os animais não humanos como bestas insensíveis se deve a um erro de leitura e não condiz com a real intenção do filósofo.

Existe concordância teórica, dentro do escopo do debate da ética animal, na contemporaneidade, a de que a filosofia cartesiana reduz os animais a máquinas e desqualifica as dores que eles sentem, já que não possuem alma. É importante destacar outras menções que Descartes realiza do que seria uma *alma racional*, pois em 1649 o filósofo diz, em uma carta para Henry More, que nunca afirmou que os animais não têm alma, mas a *alma* que possuem é apenas corpórea e mecânica (Sganzerla; Xavier, 2023). Essa não seria uma digressão que estivéssemos tentados em fazer; no entanto, a polêmica em torno da propositura conceitual da *alma* entre animais humanos e animais não humanos, não será objeto de análise desta investigação, mas trataremos, de maneira exemplificativa, o que o filósofo ousou tentar mencionar com essa afirmação:

Ao declarar em privado ao seu colega More, a incapacidade do humano de pronunciar-se sobre o pensamento do animal, Descartes transformou em apenas provável aqui que em outros textos havia dado por certo. Surpreende essa declaração em um filósofo que tantas vezes sustentou, com certeza, que os animais nem sempre não pensam. Elizabeth de Fontenay, afirma que, no

⁶ Foi a partir de René Descartes que se acreditava que o ser humano é composto de duas substâncias distintas, quer seja: a *res cogitans* (coisa pensante) e a *res extensa* (coisa extensa). A alma (*res cogitans*), é a substância pensante que possui a capacidade de pensar, duvidar, raciocinar e ter consciência. Tudo que fosse mensurado fora desses parâmetros, seria apenas um crivo catalisador mecanicista.

entanto, Descartes não transforma em dogma metafísico a hipótese metodológica que não esteja provado que os animais tenham pensamento [...] (Néira, 2016, p. 38-39).

Há, ainda, uma contradição entre Descartes e si mesmo, evidenciando que a questão dos animais não humanos é altamente complexa. Sganzerla e Xavier fazem uma revisão de literatura e nos trazem autores que não estão convencidos de que o filósofo estava certo de suas conclusões, seja devido às incoerências nos seus escritos ou seja devido às atitudes pessoais do autor que se contradiziam. No que diz respeito a contradições teóricas temos:

Seu instinto de enterrar seus mortos não é mais estranho que dos cães ou gatos que cavam a terra com o propósito de enterrar seus excrementos; eles mal chegam a enterrar de fato, o que mostra que somente agem por instinto e sem pensar (Descartes *apud* Sganzerla; Xavier, 2023, p. 196).

Na referida passagem o filósofo afirma que o ato de enterrar os mortos para os animais é por impulso e instintivo, e não ritualístico como nos humanos, despindo, assim, os animais não humanos de sensibilidade. Ao tencionar tais insinuações, ficamos à mercê de interpretações dúbias, sobre o que realmente Descartes nos reportava, sobre os animais não humanos, seriam eles agentes da sacralização ou meros instrumentos sacrificiais dos animais humanos para o benefício da ciência?

De acordo com o enunciado anterior, no que diz respeito às contradições práticas, Descartes dissecava animais vivos e sem anestesia, com o intuito de aumentar seus conhecimentos em fisiologia, tanto é que vários cientistas que estudavam os funcionamentos dos órgãos e dos sistemas se declaravam cartesianos (Singer, 2010). Paradoxalmente, o filósofo cuidava de um cãozinho, chamado Monsieur Grat, sob o qual cultivava certo carinho e que era sua companhia em passeios (Fausto, 2018).

Hodiernamente, é perceptível que a humanidade demorou para reconhecer que os animais não humanos também possuíam dignidade, especialmente devido ao humanismo renascentista, que trouxe o antropocentrismo como modo de pensar. “[...] os humanistas da Renascença enfatizaram a singularidade dos humanos, seu livre-arbítrio, seu potencial e sua dignidade; e contrastaram tudo isso com a natureza limitada dos ‘animais inferiores’” (Singer, 2010, p. 289).

Nesse momento da historiografia, a humanidade ignorou (por determinados instantes) as questões éticas que circundam a discussão sobre o bem-estar dos animais não humanos, já que foi uma cisão da valoração da razão, por meio da ascensão da ciência, em contraponto da empatia interespecies, colocando o homem na centralidade do universo. Contudo, houveram dissidentes e reviravoltas, como mostraremos a seguir.

Da Revolução Copernicana à literatura: a reviravolta em prol da empatia com os animais não humanos

A nova astronomia de copérnico foi crucial para quebrar o paradigma vigente, o de que o pensamento de inferioridade da vida não humana poderia ser menosprezado. Ao passo que trouxe a ideia do heliocentrismo⁷, permitira que

⁷ A estrutura heliocêntrica desemboca na teoria de que a Terra e outros planetas, orbitam ao redor do sol e não da Terra, que segundo uma visão antagônica defendida pelo geocentrismo, é que estaria no centro do Universo. Isso abala inúmeras concepções, inclusive a teocêntrica, defendida pela Igreja. A Igreja sofre um grande abalo com essa explicação adversa.

concepções tradicionais também fossem conflitadas, como a posição da Igreja e os desafios de que isso iria remeter a uma nova hermenêutica perante os saberes já estabelecidos. Isso, de certa forma, acabou retirando o homem do centro do universo.

Tal advento científico, produziu em grande escala, transtornos na sociedade, a saber, o de que novas narrativas geram anomalias teoréticas, como aponta Laplanche (1992, p. 1) “A revolução de Copérnico em astronomia é invocada, como se sabe, em Freud, como a primeira humilhação, a primeira ferida narcísica infligida ao homem pela ciência”. Retirar o homem da centralidade do universo desafia tudo aquilo que mantinha o *status quo* da sociedade naquele momento. O homem já não é mais a referência para todas as outras coisas (Laplanche, 1992). Seria possível afirmar que a retirada do homem da centralidade do cosmos implicaria uma (re)configuração de tudo que estava sendo proposto, bem como que a partir desse momento, poderíamos trazer para o debate moral inúmeras outras questões conflitantes, tais como a solidariedade para com os animais não humanos?

Com o passar dos tempos, a sociedade foi mudando seu posicionamento em relação aos animais não humanos e os filósofos e intelectuais (grandes responsáveis por moldar o imaginário popular), acompanharam essa mudança, por meio de reflexões contingenciais, substituindo a mera concepção de que as demais espécies animais, que não seriam humanas, seriam apenas meros artefatos, para o entendimento de que passariam a ser seres dotados de *senciência*⁸: “Observa-se que os animais são capazes de amabilidade, tanto para com os de sua espécie como para conosco, e não há, neste caso, a mínima suspeita de dissimulação ou artifício” (Hume, 2003, p. 385). Nessa menção, David Hume reconhece que os animais são capazes de administrar afetos e demonstrar compaixão, algo não seria concebido na filosofia cartesiana explicada anteriormente, que prega que animais não possuem alma racional e, portanto, não são capazes de demonstrar afetividade.

A partir do advento dessa nova forma de pensar e de entender os animais, os seres humanos começaram a mudar o tratamento que ofereciam aos animais, visto que agora reconhecem que estes são capazes de amar “A tendência que se verificava então era de maior refinamento e civilidade, mais benevolência e menos brutalidade, e os animais se beneficiaram desta tendência juntamente com os humanos” (Singer, 2010, p. 294).

Aos poucos, começou-se a questionar a relação de dominância entre animais humanos e não humanos e se essa relação era saudável e legítima. Essa discussão alcançou os espaços políticos e, paulatinamente, propostas de leis e debates mais aprofundados foram surgindo no cenário público.

A primeira proposta de lei para impedir maus-tratos aos animais foi a proibição da luta de touros com cães, considerada um “esporte”. Foi apresentada na Câmara dos Comuns em 1800. George Canning, secretário do exterior, achou um “absurdo” e perguntou retoricamente: “O que poderá ser mais inocente do que a briga de touros com cães, o boxe ou a dança?” (Singer, 2010, p. 296).

É a partir dessa incursão, que os animais não humanos começaram a ganhar espaço nas discussões, ainda que os defensores dessa classe fossem ridicularizados, como é evidenciado no fragmento enunciado por Singer. É

⁸ A *senciência* é a capacidade de todo ser vivo, provido pela estrutura de um sistema nervoso central, que pode ser acometido por dor ou desfrutar de prazer.

necessário um vocabulário instigante, que perpassasse as mesmas querelas da filosofia, como motivo ulterior de vivenciarmos novas e inéditas discussões que fomentem a solidariedade (Rorty, 2007).

Um marco importante da evolução dessa discussão foi a ideia de *senciência*, que defende a capacidade que os animais não humanos têm de sofrer ou desfrutar de prazer. Dessa forma, não seria sua capacidade de raciocínio ou de comunicação que iria decidir se estes devem ou não gozar de direitos que garantam o seu bem-estar, e sim sua capacidade de serem acometidos por sofrimento intenso, por exemplo. Nesse sentido, essa concepção vai ao encontro às outras correntes de pensamento que afirmam que os animais não devem possuir direitos por não possuírem percepção da morte e nem serem capazes de assumirem deveres (Bastos, 2018).

Nessa perspectiva, dentro do contexto da literatura brasileira, um manifesto em prol do bem-estar animal, é dissuadido nos personagens *Cão das Lágrimas* (2020); *Quincas Borba* (1994) e *Baleia* (2013), dos escritores José Saramago, Machado de Assis e Graciliano Ramos, respectivamente. De maneira especial, nos debruçamos sobre a cena do sacrifício da cadela *Baleia*, responsável por dos momentos mais comoventes da literatura brasileira, do livro *Vidas Secas* (2013), de Graciliano Ramos.

Baleia, era uma cadela caquética e que vivia a pobreza junto com Fabiano (um dos protagonistas) e sua família. A cadela é morta a tiros pelo próprio tutor, que vê isso como maneira de amenizar o sofrimento do animal, que passava fome e durante a narrativa da cena do sacrifício⁹. O leitor é levado a comover-se pela dor da cadela, que mesmo no seu leito de morte não deixou de pensar na guarda do seu tutor e da sua família, evidenciando que, na ótica de Graciliano Ramos, os animais são capazes de sofrer e de desenvolver afetividades instintivas, para com os seus companheiros animais humanos.

Baleia, que passou fome a vida inteira, morre sonhando com um mundo cheio de preás gordos disponíveis para que ela pudesse caçar e comê-los, permitindo, ao menos naqueles poucos segundos, que pudesse experimentar de um prazer que nunca experimentou na vida: a fome saciada.

Graciliano, na figura de *Baleia*, nos dá uma lição de pureza, de inocência e de honestidade. Por intermédio de uma cachorra tocou no insondável mistério da alma humana, pelo menos no que somos no potencial de nossos sonhos. A *Baleia*, que à beira da morte sonhava com preás saborosos, pode ser puro exemplo de que é possível a fé sem certeza (Godoy, 2020, p. 1).

Com maestria, Graciliano nos faz compreender o conceito de *senciência* e confirma a afirmação de Hume quando ele prega que os animais são capazes de amabilidade para com os seus e para conosco (Hume, 2003). A amabilidade que os animais sentem para com os seres humanos tornou-se, então, recíproca, e a partir disso, os animais humanos passaram a engajar-se na luta pelo bem-estar dos animais não humanos.

⁹ Aqui, utilizamos a palavra sacrifício em alusão ao rito que muitos animais não humanos são incorridos. Algumas, vítimas das artimanhas canônicas, numa tentativa de salvar a alma do animal humano, dada como perdida. O rito do sacro, nesse sentido, também pode ser percebido como a banalização da morte, simplesmente por haver, no pensamento humanístico, a superioridade da espécie humana, em detrimento aos demais seres sencientes.

As contradições perseveram: questionamentos acerca da legitimidade da luta pela causa animal

Hodiernamente, percebe-se que a questão do bem-estar animal vem ganhando, gradativamente, espaço na mídia e nas discussões políticas. Um grande exemplo disso, é o que foi introduzido recentemente através de noticiário nas redes sociais e mídias televisivas, ressaltando o episódio intitulado de o “Resgate dos Beagles”, que movimentou todo o cenário nacional brasileiro em outubro de 2013.

É viável suspeitar que uma das possíveis causas da grande repercussão que este caso teve foi devido à cobertura massiva da grande mídia. Apenas no dia 18 de outubro – data da primeira invasão ao Instituto Royal e da soltura dos cães e coelhos –, o Portal G1 – São Paulo e região de Sorocaba e Jundiaí – publicou 13 notícias sobre o caso, sendo que a matéria “Após denúncia de maus-tratos, grupo invade laboratório e leva cães beagle”, disponível desde às quatro horas da madrugada, contabilizou, sozinha, 2.868 comentários de internautas (Dantas; Tavares, 2017, p. 73).

O trecho acima demonstra que a sociedade está realmente interessada e atenta na causa animal. É importante ainda, destacar que a luta pela causa animal também é contraditória, tendo em vista que o resgate foi seletivo e não abrangeu todas as formas de vida animal, uma vez que só os cães despertaram a afetividade dos revoltosos.

Muito provavelmente, uma das consequências desse afeto pelos cães está na base de um sentimento de indignação em transformá-los em instrumento para experimentação científica. O mesmo, como já destacamos, não ocorre com animais como ratos e camundongos. Assim, é possível especular que talvez um dos motivos para a grande difusão do emprego de camundongos na pesquisa científica tenha se dado pela falta de atenção que os ativistas em prol dos direitos animais dediquem a este espécime (Dantas; Tavares, 2017, p. 76).

Além disso, o uso de animais em rituais religiosos é outra grande discussão no cenário brasileiro. No início dos anos 2000, parlamentares gaúchos trouxeram uma ideia a partir de religiões de matriz africana, que objetivava utilizar animais não humanos para sacrifício. Para tanto, apresentaram um projeto de lei que vedava essa prática, afirmando que ela violava os direitos dos animais e estavam em desacordo com os princípios da moralidade. Contudo, com a mobilização dos interessados nas práticas, o projeto de lei apresentado foi modificado. A partir de reflexões percebeu-se que:

Os alvos das polêmicas criadas sobre sacrifício de animais recaem, única e exclusivamente, nas religiões de origem africana. Talvez essa ação possa ser caracterizada como perseguição, vista que outras crenças praticam a sacralização de animais e suas práticas são aceitas pela mesma sociedade que recrimina a de raiz negra (Santos, 2022, p. 194).

Tendo em vista o exposto, é possível inferir que, mais uma vez, o centro das discussões acerca da causa animal não são os animais em si, mas interesses humanos disfarçados. Em “Resgate dos Beagles”, o interesse do movimento não eram os próprios animais, e sim a afetividade que os seres humanos sentem por determinadas espécies, posto que os camundongos que também eram usados para cobaia não foram salvos junto com os cães. E no caso dos parlamentares gaúchos, o interesse do projeto de lei não era o bem-estar animal, e sim uma tentativa de

silenciar as religiões de matriz africana. O que podemos pensar diante dos enunciados anteriores?

Considerações finais

É evidente, a partir de uma profícua discussão filosófica clássica e hodierna, que os animais não humanos recaem em grandes embates éticos e morais. Precisamos fomentar ainda a consideração dos diversos espaços que estes ocupam dentro do entendimento da *senciência*, (seja para alimentação e consumo, para produção, para entretenimento, para companhia ou para suporte emocional). Essa discussão não chegou ao fim e tampouco chegará, enquanto animais humanos e não humanos conviverem nos mesmos espaços, a discussão sobre o que é bom ou ruim, melhor ou pior, será colocada em pauta, que nesse caso específico, recaiu sobre a objetificação da sacralização.

Percebe-se que aos poucos os animais não humanos foram ganhando respeito e notoriedade, ao compararmos as passagens bíblicas mencionadas no início da discussão com o pensamento de David Hume e os demais filósofos, é nítida a predileção em que estão inseridos, objetivando contornos solidários e empáticos perante ao antropocentrismo. Felizmente, algumas reverberações a partir de narrativas nos trazem a familiaridade com novos processos cognitivos para que possamos olhar todos os seres vivos à luz do que seria bom para o bem-estar animal.

Não é possível figurar em um mundo que contém apenas anteparos mecanicizados e demasiadamente irreflexos acerca dos animais não humanos, quando na verdade, deveríamos perquirir sobre os problemas de sofrimento e de não consideração moral que inúmeras espécies animais são acometidas.

A literatura pode ser um gênero textual fascinante, sobre o modo ao qual visualizamos os animais não humanos, fazendo *nós*, animais humanos, nos comover com o *nós*, que significa o engajamento de todas as espécies animais, a partir de algumas arquiteturas linguísticas que assevera incursões nunca vistas antes, tais como a ação empática de nos colocar no lugar de animais não humanos que são infligidos por inúmeras crueldades.

Referências

ADORNO, Theodor. **A Indústria Cultural e sociedade**. Trad. Juba Elisabeth Levy. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ARISTÓTELES. **A política**. Trad. Nestor Silveira Chaves. São Paulo: Lafonte, 2017.

ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

Bíblia Sagrada. Tradução por José Luiz Gonzaga do Prado. Edição pastoral. São Paulo: editora Paulus, 1990.

BASTOS, Augusto Velloso. Direitos para os animais não humanos? Algumas teorias filosóficas a respeito. **Revista Brasileira de Direito Animal**. Salvador, v. 13, n. 2, p. 40-60, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/RBDA/article/view/27933/16585>. Acesso em: 28 set. 2023.

DANTAS, Willian; TAVARES, Denise. O “resgate dos beagles”: um embate entre afeto e ciência no cenário midiático. **Esferas**, v. 1, n. 10, p. 69-79, 2018.

FAUSTO, Juliana. A cadela sem nome de Descartes: Notas sobre vivissecação e mecanomorfose no século XVII. **Revista doisPontos**. Curitiba, v. 15, n. 1, p. 43-59, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/57226>. Acesso em: 5 set. 2023.

FELIPE, Sônia T. Antropocentrismo, sencietismo e biocentrismo: Perspectivas éticas abolicionistas, bem-estaristas e conservadoras e o estatuto de animais não-humanos. **Revista Páginas de Filosofia**. São Paulo, v. 1, n.1 p. 1-20, jan.-jul., 2009.

GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. Baleia, de Graciliano Ramos, e o sonho como forma de esperança. **Consultor Jurídica**. 28 jun. 2020. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-jun-28/embargos-culturais-baleia-graciliano-ramos-sonho-forma-esperanca>. Acesso em: 2 out. 2023.

HUME, David. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAPLANCHE, Jean. A revolução copernicana inacabada. **Percursos**, São Paulo, v. 3, ed. 56, p. 1-12, 2016.

MARCONDES, Danilo. **Introdução à história da filosofia: dos Pré-Socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

NÉIRA, Hernan. O impenetrável coração animal: Descartes e Condillac sobre os animais. In: OLIVEIRA, Jelson. **Filosofia Animal: humano, animal, animalidade**. Curitiba: PUCPress, 2016.

PALHANO, Jerson José Darif; SANCHES, Mario Antonio. Teologia da compaixão com os animais: a prática de Jesus. **Revista Pistis e Práxis: Teologia e Pastoral**. Curitiba, v. 5, n. 1, p. 169-184, jan.-jun., 2013.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 120. ed. São Paulo: Editora Record, 2013.

RORTY, Richard. **Contingência, ironia e solidariedade**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SINGER, Peter Albert David. O domínio do homem...: uma breve história do especismo. In: SINGER, Peter Albert David. **Libertação Animal: o clássico definitivo sobre o movimento pelos direitos dos animais**. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. p. 269-308.

SGANZERLA, Anor; XAVIER, Bruno Henrique do Rosário. O paradigma do animal máquina como paradigma da ciência reducionista: uma leitura a partir de Hans Jonas. **Revista Dissertatio de Filosofia**. Pelotas, v. 57, p. 188-213, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/dissertatio/article/view/24830>. Acesso em: 6 set. 2023.

Recebido em: 02/2024
Aprovado em: 05/2024

